

## **AJOFE E ALCOOMETRIA: AS ESCOLAS DIANTE DAS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS LIGADAS À PRODUÇÃO DE CACHAÇA ARTESANAL NA MICRORREGIÃO DE ABAÍRA, BAHIA, BRASIL**

**ALMEIDA OLIVEIRA, R. (1)**

Ciências Biológicas. Centro Universitário Jorge Amado [rosi\\_oliveira@terra.com.br](mailto:rosi_oliveira@terra.com.br)

---

### Resumen

Com base em concepções teóricas não essencialistas de cultura, analisamos como as escolas de Abaíra podem contribuir para a compreensão das tensões da vida comunitária e para o posicionamento crítico dos alunos diante das estratégias locais de identidade construídas em torno da cachaça artesanal. A partir de um estudo socioantropológico das práticas produtivas, buscamos sensibilizar as escolas para que sintonizassem seus currículos com o meio social. Através da aplicação do conceito de circularidade entre as culturas, evidenciamos que é possível articular os modelos cognitivos da vida cotidiana e da ciência na aprendizagem conceitual, interpretando as técnicas para se verificar se a cachaça está forte: o teste indiciário do ajofe, com significado sociocultural, e a alcoometria, que envolve a racionalidade técnico-científica exigida pela nova configuração social.

---

A incorporação de inovações tecnológicas ao processo artesanal de produção de cachaça na microrregião de Abaíra (Bahia, Brasil) apresenta vários dilemas, já que os obstáculos às mudanças vão muito além das disposições cognitivas situadas no plano das subjetividades, envolvendo injunções práticas dos constrangimentos ambientais, sociais, econômicos e culturais.

Neste trabalho apresentamos resultados de pesquisa de doutorado desenvolvida em cinco escolas, em 2006/2007, apoiando-nos em um estudo socioantropológico em doze engenhos, que contribuiu para a

compreensão mais profunda dos produtores, como grupamento social e como indivíduos (Brandão, 1995). Buscamos entender como os sujeitos se posicionam diante das estratégias locais de identidade construídas em torno da cachaça, as quais contrastam com o cenário intensamente tenso, conflituoso e dinâmico, desde que novos critérios de qualidade do produto passaram a invadir os discursos e as práticas locais, acompanhando o processo sociogenético mais amplo de mudança nos patamares de sensibilidade (Elias, 1994).

Analizamos possibilidades de se colocar em relação em sala de aula, numa perspectiva de circularidade entre as culturas (Ginzburg, 1987; Tura, 2002), as lógicas culturais próprias da ciência e aquelas implícitas nos múltiplos e dinâmicos saberes cotidianos ligados à produção, fornecendo evidências de que a aprendizagem científica e o posicionamento crítico dos alunos são favorecidos pela ancoragem sociocultural dos conteúdos.

A tentativa de sensibilizar os professores para a perspectiva de se colocar em relação, na sala de aula, as lógicas culturais próprias dos saberes cotidianos e científicos foi inspirada por autores influenciados pela psicologia sociohistórica. Mortimer e Scott (2002) e Candela (1998), a partir da concepção de que a aprendizagem resulta da negociação de significados em torno de diferentes perspectivas culturais, analisam como os recursos culturais dos alunos são mobilizados no plano social da sala de aula, em interações discursivas mediadas pelo professor. Como tínhamos por objetivo evidenciar que as escolas podem articular o plano social da sala de aula com o plano social mais amplo, ajudando os alunos a atribuir sentido às suas experiências de vida, como indivíduos e como coletividades, nos dedicamos à análise minuciosa dos contextos interativos em sala de aula, optando por tomá-los, no entanto, de forma mais ampla, como evidências da circulação de saberes.

Nesse sentido, um referencial importante correspondeu ao campo dos estudos culturais, que, segundo Nelson, Treichler e Grossberg (2001, p. 27), envolve a “preocupação com as interrelações entre domínios culturais supostamente separados”, com a mútua determinação entre o conhecimento popular e outras formas discursivas, questionando, em contextos específicos, as práticas culturais tanto da academia quanto da vida cotidiana que geram e mantêm a exclusão.

Para compreender as possibilidades de promover a circulação de saberes nas escolas, sustentamo-nos nas discussões em torno do conceito de identidade e de suas implicações educacionais. A teorização cultural contemporânea opõe-se à concepção essencialista, fixa e trans-histórica de identidade, preocupando-se com a convivência dos grupos culturais e dos indivíduos com as mudanças rápidas, abrangentes e contínuas que caracterizam a pós-modernidade, geradas pelas tensões entre o local e o global. Interessa-se, também, pela postura reflexiva gerada por essas mudanças, que tem conduzido ao constante reexame das práticas sociais, promovendo a superação de tipos tradicionais de ordem social e gerando novas posições de identidade - híbridas, plurais, partilhadas, fluidas, estratégicas -, sujeitas ao plano da história. (Hall, 2000, 2005; Moreira, 2000; Silva, 2000).

A pesquisa teve caráter qualitativo, com o nosso envolvimento com os processos culturais do contexto investigado, privilegiando a observação (direta e mediada pelo registro fotográfico e fílmico), a descrição e a interpretação das práticas culturais locais, dos encontros formativos com os professores, durante os quais buscamos atuar no seu nível de disposição para ensaiar modalidades de ensino compromissadas com o contexto sociocultural, bem como das situações didáticas interativas desenvolvidas com os alunos.

A partir da problematização de uma reportagem exibida pela Rede Globo de Televisão (2006), que

denunciava o envolvimento das crianças e adolescentes baianos na tarefa de provar a cachaça para avaliar se está no ponto, discutimos o significado histórico-cultural do teste do ajofe e as tentativas recentes de se substituí-lo pela alcoometria.

Como herança do período colonial e em consequência da influência da cultura árabe na Península Ibérica e/ou na África, adota-se na região o teste do ajofe (termo derivado de *aljôfar* - *al-awhar* - que significa *pérolas miúdas*), no qual se estima se a cachaça está forte através de um procedimento indiciário que engloba, de forma complexa, a observação rápida e simultânea do tamanho, quantidade, disposição e tempo de duração das bolhas formadas pela cachaça ao ser despejada numa cuia. Devido às mudanças na configuração social, a adequação dessa técnica tem sido questionada, buscando-se difundir o uso do alcoômetro, que envolve a aplicação da racionalidade técnico-científica.

A maioria dos professores e alunos manifestou familiaridade com o teste do ajofe, mas desconhecia a sua origem, a razão do seu nome, o princípio físico envolvido (tensão superficial) e sua importância cultural.

Professora Gabriela: *Meu marido diz que quando a cachaça tá forte as bolhas são pequenininhas e demoram um tempinho... Essa técnica das bolhas é válida, não é?*

Aluno Hermes: *Já vi fazendo assim: colocam uma cuia embaixo e pegam um funil feito de cabaça, enchem o funil tampando a boca e aí vai soltando sob pressão, distanciando o funil da cuia.*

Quanto ao alcoômetro, a maioria dos professores e alunos desconhecia o seu uso para aferir o grau alcoólico da cachaça e, ao manipulá-lo, não soube explicar os princípios físicos de seu funcionamento (densidade e empuxo).

Professora Selma: *Na cachaça fraca o alcoômetro subiu! Por quê?*

Aluno Jardiel: *Quanto mais forte a cachaça, mais ela puxa o alcoômetro pra baixo, é assim?*

O envolvimento em situações de aprendizagem interativas, ancoradas na experiência cultural, oportunizou a professores e alunos atribuírem novos valores à prática local de produção de cachaça e à própria escola. Ao lançarem um novo olhar à aparente rotina do cotidiano, depararam-se com desafios cognitivos que exigiram operações mentais complexas e a construção de conceitos científicos, de relevância universal, cuja apropriação demandou a intervenção educativa sistemática e criativa da escola.

#### *Referências bibliográficas*

BRANDÃO, C.R. (1995) *Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez.

CANDELA, A. (1998) A construção discursiva de contextos argumentativos no ensino de Ciências. In: COLL, C. e EDWARDS, D. *Ensino, aprendizagem e discurso na sala de aula: aproximações ao estudo do discurso educacional*. Porto Alegre: Artmed. pp. 143-169.

ELIAS, N. (1994) *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GINZBURG, C. (1987) *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.

HALL, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

\_\_\_\_\_. (2000) Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 103-133.

MOREIRA, A.F.B. (2000) *Propostas curriculares alternativas: limites e avanços*. *Educação & Sociedade*, ( 21) 73, pp. 109-138.

MORTIMER, E.F. e SCOTT, P. (2002) *Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o Ensino*. *Investigações em Ensino de Ciências*, 7 (3), pp. 283-306.

NELSON, C.; TREICHLER, P.A. e GROSSBERG, L. (2001) Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T.T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 7-38

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. *Infância perdida*. 2 abr. 2006. Disponível em: . Acesso em: 6 maio 2006.

SILVA, T.T. da. (2000) A produção social da identidade e da diferença. In:\_\_\_\_\_ (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 73-102.

TURA, M. de L.R. (2002) Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, A.C. e MACEDO, E. (Org.) *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez. pp. 150-173.

## CITACIÓN

ALMEIDA, R. (2009). Ajofe e alcoometria: as escolas diante das mudanças socioculturais ligadas à produção de cachaça artesanal na microrregião de abaíra, bahia, brasil. *Enseñanza de las Ciencias*, Número Extra VIII Congreso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, Barcelona, pp. 2289-2292  
<http://ensciencias.uab.es/congreso09/numeroextra/art-2289-2292.pdf>